

EXPANSÃO URBANA HORIZONTAL:
A cidade de Poções no processo de produção do espaço

Ricardo Novaes Barreto [1]
Gabriel Silva Santos[2]
Bruno Silva Rodrigues[3]
João Pedro Oliveira Farias[4]

Palavras-chave: Capital; Urbanização; Paisagem.

INTRODUÇÃO

A cidade de Poções fica localizada no Estado da Bahia, na região do sudoeste, mais especificamente na mesorregião Centro Sul Baiano e microrregião de Vitória da Conquista, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Está vivenciando um significativo aumento urbano e essa dinâmica se intensificou devido aos investimentos tanto de entidades públicas quanto de investidores privados. Essa expansão está modificando a disposição do espaço e alinhando-se com as tendências do capital e a administração do planejamento urbano. Para Castells (1996), a urbanização vai além de um mero aspecto físico ela representa a própria manifestação das relações sociais e econômicas, reflete as contradições do capitalismo e a maneira como os indivíduos utilizam o espaço urbano.

[1] Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
[2] Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
[3] Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
[4] Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Portanto, entender o padrão de desenvolvimento de Poções é fundamental para avaliar o que está acontecendo em relação à administração da cidade e à ordenação do seu território.

Através da Geografia é possível analisar como as mudanças na paisagem e identificar a função tanto da forma do planeta, quanto da biologia e da interferência humana. Essa análise do espaço geográfico aplicado nas cidades poderia até ser definido como a morfologia do espaço, uma vez que esta palavra significa o estudo da forma. Contudo Sposito (2004, p. 65), ressalta que "o termo morfologia é designativo daquilo que se refere à forma, mas o conceito de morfologia urbana vai muito além da análise das formas urbanas em si, embora as contenham". Pois, no contexto urbano, a forma quase sempre é alterada pela ação do homem, portanto a morfologia urbana carece de atenção em seus detalhes, por exemplo, a história das pessoas que habitam em determinado centro urbano vai contribuir para a formação deste espaço.

A organização espacial das cidades, para Castells (1983, p .42), tem origem nos primeiros aglomerados sedentários que a arqueologia responde ser a Mesopotâmia, Egito, China e Índia. A formação destes espaços se dá pela acomodação do excedente do trabalho da terra, portanto quem primeiro habita as cidades são aqueles cuja presença nos locais de produção agrícola é desnecessária. No último censo demográfico (IBGE, 2022), o Brasil tinha 87,4% da população residindo em áreas urbanas e 12,6% em áreas rurais, afirmando uma tendência histórica de urbanização segundo dados do IBGE. Essa ocupação urbana exige uma produção em infraestrutura, moradia, mobilidade, comunicação, segurança e recursos ambientais que são fortemente reproduzidos pelo capital, sendo uma fonte de conflitos e contradições.

Conforme o exposto, este estudo tem a finalidade de analisar o desenvolvimento da urbanização na cidade, reconhecendo as principais mudanças espaciais que ocorreram e as políticas públicas que têm direcionado esse crescimento. Assim, buscamos entender de que forma essa urbanização afeta a qualidade de vida dos cidadãos e qual seria a melhor abordagem para gerenciar um avanço urbano mais equilibrado e sustentável.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No desdobramento de sua obra sobre o espaço urbano, Corrêa (1995, p. 26), salienta que o espaço é ao mesmo tempo fragmentado e articulado. A organização espacial da cidade ou simplesmente o urbano, se fragmenta em conjuntos de espaços destinados a atividades

comerciais, residenciais, áreas de conteúdo social, lazer, áreas industriais e até os espaços não ocupados, reservados para uma futura expansão. Essa organização espacial é vista fragmentada, mas deve ser analisada ao mesmo tempo como articulada, pois materializa todo um movimento com o uso destes espaços. O transporte de pessoas, de mercadorias, a circulação do capital, o processo de mais valia, as relações espaciais, decisão de investimentos, salários, juros, rendas... todos esses frágeis articulam a fragmentação desse espaço. Em suma, a cidade se fragmenta e articula, mantendo uma relação e uma conexão dos espaços entre si, visível no cotidiano desde a rotina diária dos trabalhadores aos locais de trabalho quanto a eventos menos frequentes como visitas à casa de parentes ou passeios em parques e ida ao cinema.

Contudo, a expressão do espaço urbano é um reflexo da sociedade, “assim, o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes.” (Corrêa ,1995 p.8). Na contemporaneidade a vida humana se reproduz seguindo uma ordem capitalista de produção, o espaço urbano não se isenta deste contexto ao identificar a espacialidade do presente cabe deixar nítido a noção dos efeitos desse modo, para isso dois pontos são considerados importantes por Corrêa, a mutabilidade complexa que evidencia na articulação da cidade e a produção da desigualdade, quando observamos o cunho social. Contundentemente Corrêa (1995, p. 8) afirma que, “a desigualdade constitui-se característica própria do espaço urbano capitalista.”. Nesta colocação evidenciamos outros aspectos sobre o espaço urbano, que apesar de não ser palpável, se encontra concretizado, sendo este o espaço social, onde acontecem as lutas pelos direitos no campo político social das classes, como as greves, a defesa e cultura da religião e todos os movimentos sociais urbanos.

Refletimos, o espaço é produzido, mas para quem? Ao certo todos que circulam a cidade de alguma maneira produz espaço, seja coletivo ou individual, mas as mudanças que ocorrem não são suficientes para desfazer a ideia de que o espaço é fragmentado e articulado, tão pouco que há uma contradição entre a condicionante social, ou seja a imposição de objetos de desejo, a competição, o bem-estar social, e o reflexo da mesma sociedade. As formas espaciais ou a urbanização criam, transformam e definem uma paisagem de acordo com as especificações e tendências em cada lugar. A paisagem urbana é a primeira maneira como identificamos a cidade, sendo por si só limitada a percepção do indivíduo que identifica o que está disponível aos sentidos. Limita-se também ao período observado,

portanto, a um registro instantâneo. Conforme expressa Carlos (1999, p. 35), que “enquanto manifestação formal, tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial: aquela do aparente, do imediatamente perceptível, representação, dimensão do real que cabe intuir”.

A lógica da cidade é repleta de paisagens e representações, tanto genéricas quanto singulares, sem muito esforço podemos atentar que as cidades possuem diferenciações uma para outra, os bairros não são iguais, há ruas com mais prédios que outras, outras ruas nem tem edificações, o colorido das casas não são os mesmos em lugares diferentes, os sons que se escuta nas ruas da metrópole espanta os ouvidos de uma pessoa cujo vive em cidade do interior. Os ônibus, as sirenes, carros, pedestres, residências, comércio, árvores, restaurantes são elementos de uma paisagem urbana que não é estática, está em constante metamorfose, adaptação e relação com o passado. Para entender a dinâmica da mudança da paisagem é preciso se atentar não só ao visível, mas o histórico e as relações sociais construídas dentro de sua dimensão social e política, que estão ligadas ao trabalho, que constrói e transforma cada um desses elementos a depender dos interesses de cada tempo/lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a expansão, nas grandes cidades é comum a verticalização para solucionar a demanda de moradias, em pequenas e médias cidades os loteamentos são a expressão mais nítida da expansão urbana. Portanto, cada cidade tem sua na maneira de expandir e moldar, baseado nas escolhas do passado e nas influências do presente. A expansão urbana acontece constantemente desde a criação desta área, mas não acontece com a mesma proporção nem dimensão em todos os lugares, existem vários tipos de expansão e uma cidade pode apresentar um ou mais desses processos.

Desde o início da ocupação no arraial dos Poções, posteriormente vila, e atualmente município e sede, houve transformações no espaço, dimensões do território, do perímetro urbano, dinâmica econômico-social e paisagem urbana. Fato comum e esperado, pois a cidade não é estática, ela articula, se movimenta e se transforma. Como afirma Stock; Batista (2014) “A cidade não é estática, ela sofre mudanças todos os dias, construindo sobre o passado, se renovando, se transformando e se reconfigurando.” Em Poções, o crescimento se apresenta horizontal, típico entre as pequenas e médias cidades, intensificado por elaborações de loteamentos. Nestes loteamentos as casas nobres se misturam com casas populares, pois são espaços oportunos para cada classe trabalhadora da sociedade (classe

média e baixa renda) se beneficiarem. Os mais abastados economicamente compram lotes quando início das vendas e esperam a valorização para então construir ou lucrar com a venda do lote em um preço atualizado. Os trabalhadores assalariados de classe baixa renda, por sua vez, encontram nestes loteamentos a oportunidade de sua primeira casa por meio de financiamentos ou autoconstrução.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1999

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Questão urbana**; Trad Arlene Caetano. Paz e Terra: Rio de janeiro, 1983

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. Editora Ática, Série Princípios, 3ª edição, nº 174: São Paulo, 1995

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil.** *Invest. Geog* [online]. 2004, n.54, pp.114-139.

STOCK, Bruno; BATISTA, Fábio Domingos. **A cidade como cenário**. Curitiba- PR: Grifo, 2014